

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIENCIAS SOCIAIS, EDUCAÇÃO E ZOOETECNIA
COLEGIADO DE PEDAGOGIA**

ELAILA BARBOSA AMOEDO

**BULLYING: CONSTRUÇÃO DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL DAS
CRIANÇAS COMO FORMA DE INTERVENÇÃO**

**Parintins - AM
2023**

ELAILA BARBOSA AMOEDO

**BULLYING: CONSTRUÇÃO DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL DAS
CRIANÇAS COMO FORMA DE INTERVENÇÃO**

Artigo científico apresentado ao Instituto de Ciências Sociais e Zootecnia ICSEZ/UFAM, como trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em cumprimento à exigência para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Fernanda Priscila Silva

**PARINTINS- AM
2023**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Amoedo, Elaila Barbosa

**A523b Bullying: construção da inteligência emocional das crianças como
forma de intervenção / Elaila Barbosa Amoedo. 2023
32 f.: 31 cm.**

**Orientadora: Fernanda Priscila Silva
TCC de Graduação (Licenciatura Plena em Pedagogia) -
Universidade Federal do Amazonas.**

**1. Afetividade. 2. Bullying. 3. Violência. 4. Professor. I. Silva,
Fernanda Priscila. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título**

BULLYING: CONSTRUÇÃO DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL DAS CRIANÇAS COMO FORMA DE INTERVENÇÃO

AMOEDO, Elaila Barbosa

SILVA, Fernanda Priscila

RESUMO

O estudo, que aqui floresce, tem como objetivo trazer à luz a importância do desenvolvimento da afetividade/inteligência emocional da criança como estratégia de combate à prática do *bullying* em sala de aula. Neste interim, busca-se, através da percepção de professores acerca do problema, conhecer seus conhecimentos, capacidades de identificação e seus modos de intervenção diante de casos de violência, e ainda propor estratégias, com base na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que ajudem a desenvolver a inteligência emocional dos alunos. Este trabalho trata-se de uma abordagem qualitativa, realizada por meio de uma pesquisa de campo. Para isto, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com nove professoras de duas escolas da rede estadual de ensino dos anos iniciais do fundamental, trazendo à luz, pela percepção de professores, a importância do combate ao *bullying*. Por meio dos dados obtidos nas entrevistas, é possível perceber os obstáculos para o trabalho de prevenção ao *bullying* como falta de capacitação dos professores sobre o tema, pouca ou nenhuma educação familiar e banalização do preconceito.

Palavras-chave: Afetividade/Inteligência. *Bullying*. Violência. Professor

ABSTRACT

The study, which flourishes here, aims to bring to light the importance of developing the child's affectivity/emotional intelligence as a strategy to combat the practice of bullying in the classroom. In the meantime, we seek, through the perception of teachers about the problem, to know their knowledge, identification skills and their ways of intervening in cases of violence, and also to propose strategies, based on the BNCC, that help to develop intelligence students' emotions. This work is a qualitative approach, carried out through field research. For this, semi-structured interviews were carried out with nine teachers from two schools of the state public education network in the early years of elementary school, bringing to light, from the perception of teachers, the importance of combating bullying. Through the data collected in the interviews, it is possible to perceive the obstacles to the work of preventing bullying, such as lack of training of teachers on the subject, little or no family education and trivialization of prejudice.

Keywords: Affectivity/Intelligence. Bullying. Violence. Teacher

INTRODUÇÃO

Este estudo assume o propósito de desenvolver uma reflexão crítica acerca do tema: *Bullying: construção da inteligência emocional das crianças como forma de intervenção*, buscando expor a importância de trabalhar o aspecto emocional e afetivo dos alunos. Com isso, a pesquisa tem como objetivos trazer um estudo para a compreensão do conceito de inteligência emocional, investigar a percepção dos professores sobre *bullying* em função de seus conhecimentos acerca da inteligência emocional e, ainda, sugerir estratégias para o desenvolvimento da inteligência emocional, com base na BNCC.

As escolas do Brasil vivem uma epidemia de atos violentos, causando perdas irreparáveis no cenário educacional. A educadora Telma Vinha (1999), coordenadora de uma pesquisa feita pela Unicamp, em entrevista concedida a Agência Brasil, descreve autores de ataques em escolas como homens brancos, sem popularidade nas escolas, com baixa autoestima e sem perspectiva de futuro. Além disso, podem apresentar transtornos psicológicos não diagnosticados, negligenciados pela família e sociedade em geral e que podem ter quadros agravados ao serem submetidos a repetidos processos violentos, que são as vítimas de um fenômeno conhecido como *bullying*.

Por ser uma prática que cresce cada vez mais, principalmente no ambiente escolar, o *bullying* vem ganhando espaço nas mídias sociais. Hoje, esse tipo de violência é muito discutido, principalmente em relação às consequências causadas em crianças que são submetidas a repetidas agressões físicas e, ou, psicológicas. Porém, nota-se que ainda não existem projetos de intervenção sobre o tema suficiente no âmbito escolar, onde continuam acontecendo casos graves de discriminação, exclusão social e outras formas, indiretas ou não, de violência (NETO, 2005).

O *Bullying* escolar traz diversos malefícios para os alunos, problemas de autoestima que podem fazer com que a criança não queira retornar à escola, faz o rendimento cair, uma vez que ele não se sente bem para realizar as atividades. Vale ressaltar que, nos casos mais graves, a criança ou adolescente que sofre com esse tipo de violência, dentro ou fora da escola, pode apresentar quadros depressivos e de ansiedade e, com isso, começar a ter comportamentos suicidas.

Como esse tipo de violência, o *Bullying*, ainda não encontra amparo bem definido no código penal, ainda mais por se tratar de menores de idade, na maioria dos casos, se faz

necessária a participação assídua da escola na educação e na formação do caráter dos indivíduos que pratica essas agressões e no amparo das que sofrem. Conforme Elias (2001, p.10), “todo cuidado é pouco, pois se trata de uma realidade complexa e multidimensional. O tema requer um conjunto de medidas e ações integradas e de iniciativas articuladas das implementadas” com base em planejamento. Soluções imediatas são essenciais para se avançar na prevenção ao *bullying*.

Segundo Rosa (2010), na escola, a convivência entre indivíduos diferentes pode gerar conflitos, sendo que estes podem ser construídos por meio de duas ideias: uma de violência verbal e física; a outra, de cunho pessoal, com emprego de força excessiva ou moderada. A proliferação do conflito emanado pela violência possui construção respaldada em tais comportamentos no ambiente escolar. Então, as consequências dessa prática devem ser discutidas e analisadas pela comunidade para que seja possível criar formas de intervenções para evitar que esse mal cresça ainda mais no ambiente escolar.

Desde já, este estudo assume a abordagem qualitativa com o intuito de poder observar o objeto de estudo em diferentes pontos de vista ((MINAYO, 1995), feito através de uma pesquisa de campo. A coleta de dados se deu a partir da entrevista semiestruturada, o que permitiu que se fizesse perguntas fora do que havia sido planejado. Dessa forma, o diálogo tornou-se mais natural e dinâmico, fundamental no tratamento de dados de um tema tão sensível.

Para que fosse possível relatar este estudo, apresentou-se na primeira seção o *Bullying*, origem do conceito, causas, consequências e personagens envolvidos. A seção apresenta pontos de vistas de alguns pesquisadores importantes, como: Fante (2005), Rosa (2010), Silva (2009) e Elias (2001).

Na segunda seção é exposto o conceito de inteligência emocional, a importância de seu estudo e da aplicabilidade no contexto escolar, tendo como principais teórico os psicólogos Daniel Goleman e Henri Wallon, que defende que a criança deve ser entendida como uma pessoa completa, sendo compreendida em todos os seus aspectos, biológicos, afetivos, social e intelectual.

Na terceira e última seção, para o efetivo desenvolvimento do trabalho, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com o corpo docente de duas escolas estaduais da cidade de Parintins/AM. A escolha dos entrevistados se deu pela proximidade diárias com os educandos, tornando-os colaboradores diretos no combate à violência no âmbito escolar.

O conceito mais antigo sobre a inteligência emocional é do cientista Darwin (1872), que em sua obra *As expressões das emoções no homem e no animal*, falou sobre como o

aspecto emocional era importante para sobrevivência e adaptação, isso porque aumenta a capacidade de reconhecer, entender e gerenciar as emoções de si mesmo e dos outros. Darwin estudou o comportamento animal e reconheceu que a emoção é uma característica considerável do comportamento humano e animal. Ele observou que muitas das expressões faciais e corporais de emoções são exibidas por outros animais.

Além disso, Darwin também enfatizou a importância da empatia na cooperação, em sua teoria da evolução, sugerindo que esses comportamentos sociais podem ser vantajosos para a sobrevivência e reprodução. Essas ideias podem ser vistas como precursoras da compreensão moderna da inteligência emocional e de sua importância no comportamento humano e nas relações interpessoais.

Logo, há uma preocupação real em ensinar às crianças a lidarem com as diferenças e com os diversos tipos de pessoas e situações que podem aparecer em seus caminhos. Neste contexto, este trabalho faz-se uma ferramenta de reflexão para que seja repensado o olhar sobre a importância de se trabalhar a inteligência emocional e afetiva com as crianças, a fim de diminuir os casos de violência nas escolas e formar uma sociedade de pessoas menos ansiosas, com menos medos e inseguranças, ao mesmo tempo em que são mais conscientes, decididos, produtivos e empáticos.

1. O BULLYING

Antes de entender o *Fenômeno Bullying*, é preciso compreender a diferença do que é uma brincadeira, o preconceito e a agressão, que é por definição a prática do *bullying*. Brincadeira, provavelmente, todos sabem o que é. Todos brincam ou veem outras pessoas brincar, mas quantas vezes alguém parou para pensar no conceito de brincadeira? A pesquisadora Neris (2006) traz uma boa definição:

A brincadeira é cada vez mais entendida como atividade que, além de promover o desenvolvimento global das crianças, incentiva a interação entre os pares, a resolução construtiva de conflitos, a formação de um cidadão crítico e reflexivo (NERIS, 2006, p. 169).

A brincadeira é para ser algo positivo, bom para ambos os lados, e é assim que pode ser identificado o limite entre uma “brincadeirinha” e uma agressão. A brincadeira deixa de ser quando começa a causar dor em um dos lados e prazer no outro, pois *bullying* é nada mais é que uma balança de poder para o agressor (ALMEIDA, 2014).

O preconceito é o que se aproxima do *bullying*, esse é um motivo de confusão. O professor e psicólogo Leon Crochik traz definições de preconceito, que mostra que, apesar de se tratar de uma atitude igualmente negativa, não possui agressões repetitivas, se tratando apenas de um traço emocional condicionado baseado em crenças ou opiniões.

Segundo Crochik (1996) preconceito refere-se a um comportamento hostil ou discriminatório em relação a uma pessoa ou grupo com base em características como raça, etnia, gênero, orientação sexual, religião, nacionalidade, entre outras (p.49). É uma forma de julgamento prévio que envolve estereotipar e categorizar as pessoas com base em generalizações simplistas. O preconceito pode se manifestar por meio de palavras, ações ou comportamentos sutis ou explícitos.

Por outro lado, o *Bullying*, é uma forma específica de comportamento agressivo e repetitivo, baseado em relações de poder. Segundo o dicionário de Oxford (1999), *bullying* é uma palavra de origem inglesa, que não tem uma tradução literal para o português, vem do termo *bully*, que significa “valentão, tirano” e o sufixo *ing* na palavra indica que é uma ação contínua. Logo, o termo *bullying* passou a ser usado para definir o fenômeno de nível global, que consiste em diferentes tipos de agressões repetitivas contra seus pares e é recorrente em vários âmbitos de atividades sociais, principalmente o escolar (ALMEIDA, 2014).

O *bullying*, de certa forma, é o tipo de violência que exclui o outro socialmente, em que os principais alvos são pessoas que já possuem traços de insegurança. Isto ajuda na dominação dos agressores, visto que essas vítimas em questão acabam não tendo coragem para buscar ajuda, acabando desamparadas e com sentimento de não aceitação. Uma das grandes referências no estudo sobre a problemática no Brasil, Cleo Fante, conceitua o *Bullying* de forma que nos permite entender o impacto, principalmente, do aspecto psicológico da vítima.

Fante (2005) define resumidamente o termo *Bullying*:

[...] *bullying* é um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro (s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusação injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos, levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento *bullying*. (p.28 e 29).

Bullying é uma prática deliberada, em que o agressor sente prazer em deixar seus colegas humilhados e as instituições de ensino, principalmente as de ensino básico, são os ambientes mais suscetíveis para a sua prática, isso acontece porque as crianças estão

vivenciando a necessidade de autoafirmação e muitas vezes não conseguem conviver com as diferenças, então surge o sentimento de superioridade, pois geralmente as vítimas possuem características que são consideradas ruins para os agressores, sejam elas físicas, socioeconômicas, culturais, de raça, deficiências e orientação sexual. Apesar ser uma prática antiga, o *bullying* só ganhou atenção na década de 1980, quando o professor e psicólogo europeu Olweus (1993) realizou um amplo estudo sobre o caso após ser noticiado na Noruega, em 1982, o suicídio de 3 adolescentes (CARVALHO, 2021).

Com grande possibilidade de os suicídios serem consequência do *bullying* que sofriam de seus colegas, Olweus (1993) passou a realizar pesquisas com todos os alunos da Noruega, com uma participação de 85% da população estudantil do país. Sua amostra constituiu-se de 130 mil alunos, de 830 escolas. Neste mesmo ano realizou um estudo paralelo usando o mesmo questionário com 17 mil alunos do terceiro ao nono ano, em três cidades da Suécia. Os estudos indicam que 15% dos alunos noruegueses estavam envolvidos em problemas de *bullying*, como vítimas ou agressores. Aproximadamente 9% eram vítimas (52 mil alunos) e 7% (41 mil alunos) eram agressores ou *bullies*. Nove mil alunos (1.6%) eram vítimas e agressores (TAQUETTE, 2006). De acordo com Carvalho (2021, p. 9), o *bullying* possui três modos de manifestação, sendo elas “a forma indireta, que ocorre em forma de agressão verbal, a forma direta, que constitui em agressões físicas e a psicológica, que é resultado das manifestações direta e indireta, gerando sofrimento das vítimas.”

Os resultados são devastadores para as vítimas, levando ao isolamento, depressão e em casos mais extremos à prática do suicídio. A partir desses estudos, o *Bullying* deixou de ser só um conceito, especialmente quando foi notado que a prática geralmente vem seguido por comportamentos agressivos de pessoas com o transtorno da personalidade antissocial, que desrespeitam os limites e os direitos dos outros, trazendo consequências à curto e a longo prazo.

Segundo Favaro (2009), as escolas devem oportunizar aos alunos o acesso a informações e discussões sobre o tema para que eles conheçam o fenômeno *bullying* e as suas consequências, com o objetivo de evitá-lo. Uma boa maneira de prevenir e não deixar acontecer é conhecer de maneira profunda as suas consequências. Em 2015, foi sancionada a lei 13.185/2015, da qual foi elaborado o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*) em todo o território nacional. Esse programa deveria dispor de tais objetivos:

- I- Prevenir e combater a prática da intimidação sistemática em toda da sociedade;
- II- Capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implantação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema;
- III- Implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação;
- IV- Instituir práticas de conduta e orientação para a implantação de pais, famílias e responsáveis diante da identificação de vítimas e agressores;
- V- Dar assistência psicológica, social e jurídica e aos agressores;
- VI- Integrar os meios de comunicação em massa com as escolas e a sociedade, como forma de identificação e conscientização do problema e forma de combatê-lo;
- VII- Promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito a terceiros, nos marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua;
- VIII- Evitar, tanto quanto possível, a punição de agressores, privilegiando mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a afetiva responsabilização e a mudança do comportamento hostil;
- IX- Promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática, ou constrangimento físico e psicológico, cometidas por alunos, professores e outros profissionais integrantes da escola e de comunidade escolar.

Porém, esse tipo de violência é uma discussão complexa, pois existe muita dificuldade em perceber qual o limite de uma brincadeira, do preconceito e da agressão. Nota-se que, apesar de haver tantos acidentes envolvendo casos de *bullying*, há certa banalização sobre o assunto, pois tal prática muitas vezes nem é visto com uma problemática real na vida dos educandos, sendo assim, o *bullying* mantém-se no dia a dia, sob o amparo do corpo técnico da educação que por vezes ignoram as partes envolvidas e os efeitos nocivos que cada uma delas carrega (SILVA e BORGES, 2018). Os envolvidos são:

- O agressor: é quem pratica os atos que causam lesão aos outros e ainda mobiliza outros para participarem dos ataques;
- Agressores secundários (auxiliares): que por desprezo às vítimas ou por medos da retaliação dos outros agressores, também participam dos abusos físicos ou morais;
- Telespectadores conivente passivos: que veem as agressões acontecerem, mas não apoiam as vítimas e nem denunciam para alguma autoridade, não se importam e às vezes até acham “engraçadinho”;
- Telespectadores passivos silenciosos: são os estudantes que entendem a gravidade da situação, acham constrangedor, mas se calam por medo se colocarem numa possível posição de vítima;
- A vítima: geralmente é o estudante que se difere dos outros colegas por alguma peculiaridade.

- Vítima provocadora: este consegue despertar reações agressivas contra si mesmo, geralmente se trata que uma criança hiperativa, impulsiva e imatura, que chamam a atenção do agressor que sai impune, pois sempre utilizam a vítima provocadora para se livrar da culpa (SENA, 2013).

A prática violenta do *bullying* na escola tornou-se um grande problema que toda a sociedade precisa enfrentar e não somente quem sofre as agressões. O Ministério da Educação (MEC) tem tentado trabalhar para combater essa prática, uma das formas é o Pacto pela promoção do Respeito à diversidade, da Cultura, da Paz e dos Direitos Humanos, com intuito de promover ações de respeito às diferenças e de enfrentamento ao preconceito, à discriminação e à violência no ambiente escolar.

Atualmente existe um dia nacional dedicado ao combate ao *Bullying* e à violência nas Escolas, dia 7 de abril¹. A data foi instituída em 2016, por meio da Lei nº 13.277, relacionada à tragédia que ocorreu em 2011, quando um jovem de 24 anos invadiu a Escola Municipal Tasso da Silveira, no bairro de Realengo, no Rio de Janeiro, e matou 11 crianças.

Este acontecimento levantou muitas discussões acerca do tema, principalmente em relação às sequelas que ficam nos estudantes, vítimas da prática, já que o autor do massacre era um alvo de piadas. O caso mostra como é possível e necessário refletir sobre tais consequências pesadas que o *bullying* traz, sem tirar a responsabilidade do jovem.

1.1 Como identificar personagens do *Bullying*

Em seu livro “Mentes perigosas nas escolas- *Bullying*”, Silva (2010), descreve como identificar esses personagens do *Bullying*. Na sala de aula, as vítimas são descritas como “isoladas ou sempre perto de um adulto, um inspetor, professor, cantineiro etc., no intuito de se proteger.

As vítimas são as crianças que são abusadas repetidas vezes, possuindo características passiva. Estas crianças costumam sentir vulnerabilidade e medo, autoestima baixa, o que acarreta ainda mais as chances dos maus tratos. As crianças expostas ao *Bullying*, tendem a ter três vezes mais chances de sofrerem com dores físicas, como dores de cabeça e dores abdominais, e até cinco vezes mais chances de insônias e mais chance de

¹ Disponível em: <https://radios.ebc.com.br/nacional-jovem/2022/04/7-de-abril-dia-nacional-de-combate-ao-bullying-e-a-violencia-nas-escolas> Acesso em: 10 mar.2023

sofrerem com enurese noturna, se comparadas com crianças que nunca sofreram tais tipos de abusos (ROLIM, 2008).

Em sala de aulas, essas vítimas possuem uma postura retraída, nunca fazem perguntas ou expressam opiniões para os demais colegas. Apresentam um número alto de faltas às aulas, no intuito de fugir de agressões e humilhações. Demonstram desinteresse em qualquer atividade da escola, em jogos ou atividades em grupo são sempre os últimos a serem escolhidos e no mais grave dos casos, apresentam hematomas, arranhões, cortes, roupas ou objetos rasgados/danificados (NETO, 2005).

Os agressores na escola começam com as “brincadeiras sem graça”, depois evoluem para gozações, risos provocativos e desdenhosos. Isto tudo seguido por apelidos pejorativos e ridicularizantes. Sempre fazem ameaças diretas ou indiretas, dão ordens e subjugam suas vítimas. O agressor é aquela criança que age de maneira agressiva contra um colega que é, supostamente, mais fraco, que mesmo sem provocação nenhuma, sempre busca machucar e prejudicar a vítima (BERGER, 2007).

Os *bullies* intimidam os pares utilizando-se de pontapés, socos, beliscões e empurrões. Sob coação ou sem consentimento pegam materiais escolares, dinheiro, lanche e quaisquer outros pertences dos colegas. São pessoas que demonstram pouca ou nenhuma empatia, possuem uma personalidade tendencialmente mais autoritária e com necessidade de controlar situações ou pessoas ao seu redor (SOUZA, 2015). Crianças agressivas têm grande possibilidade de, a longo prazo, se tornar um adulto com personalidade antissocial e violentos.

Para melhor identificar e trabalhar com as crianças e adolescentes envolvidos em casos de *bullying*, a escola precisa agir, principalmente, em conjunto da família, pois assim como as crianças possuem mudanças na personalidade dentro do ambiente escolar, há uma mudança grande no comportamento em casa também. Então atenção e troca precisa ser constante, porque muitas vezes um “está tudo bem” pode ser um pedido de socorro de alguém que já vem sendo psicologicamente impactado.

1.2. Por que é importante falar sobre *bullying*?

As práticas de abusos físicos e psicológicos trazem consequências, por exemplo, a baixa autoestima e insegurança, que podem fazer cair o rendimento dos alunos na escola, aumenta o número de evasão escolar, pois os alunos sentem medo de voltar para onde sofre as agressões. Há também traumas que acompanham o indivíduo, principalmente o agressor,

até a fase adulta e grande parte fica acometido de síndromes, sendo uma delas a “Síndrome dos maus-tratos repetitivos”, nomeado por alguns autores, incluindo Fante (2005). Essa doença apresenta muitos sintomas, como por exemplo: irritabilidade, agressividade, impulsividade, intolerância, explosões emocionais, raiva reprimida, depressão, estresse, sintomas psicossomáticos, alteração do humor, baixa autoestima e pensamentos homicidas e suicidas (LEMOS, 2007).

Quando não trabalhadas de maneira adequada, essas emoções levam adolescentes e adultos a cometerem atos como o “famoso” massacre de Columbine, em 1999, no Colorado-EUA, e apesar da época ainda não abordar o tema “*bullying*”, os autores registraram antes de sua ação que não aguentavam mais as chacotas dos colegas e, segundo o documentário “Tiros em Columbine”, os principais alvos dos atiradores eram os atletas, que possivelmente é o perfil de quem praticava os abusos. Fora esse caso de Columbine, somente nos Estados Unidos foram mais de 193 incidentes com armas de fogo nos últimos 10 anos e houve outros casos em vários outros países, e os ataques geralmente acabam com o suicídio dos assassinos que, segundo familiares, foram vítimas de agressões durante a vida escolar.

Conforme Rosas e Lourenço (2021), hoje, com o alcance da internet e outras mídias digitais, podemos ver qual a proporção do problema que é o *bullying*, por exemplo, foi registrado cerca de 400 ataques em escolas nos últimos 100 anos, em todas as partes do mundo, e apenas uma minoria não se refere ao *bullying* como causa. Porém, há dados espalhados em diversas reportagens que indicam que, entre 66 ataques a escolas, em 45 anos, 87% dos atiradores sofreram *bullying*.

No Brasil, 43% das crianças sofrem *bullying*, de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU). Uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) com cerca de 188 mil jovens mostra que um em cada dez crianças e/ou adolescentes já foram vítimas de *bullying* ou *cyberbullying*, que é o tipo de agressão feita na internet através de redes sociais. Contudo, há um dado dessa pesquisa que é ainda mais preocupante: 5% desses jovens entrevistados afirmaram que a vida não é algo que valha a pena.

Assim como nos Estados Unidos, no Brasil também houve casos de ataques em escolas. Em 2003, houve um atentado em Taiuva- SP, onde um ex-aluno pulou o muro da escola e disparou vários tiros, deixando sete feridos. Em seguida, saiu da escola e se suicidou. De acordo com investigadores do crime, durante toda a vida escolar o assassino sofreu *bullying* por ser “gordinho”, e mesmo após emagrecer, os colegas continuaram o perturbando.

Houve ainda os ocorridos em escolas de Realengo (Rio de Janeiro) e em Suzano (São Paulo), que totalizaram 22 mortes, contando com os assassinos que, segundo familiares, foram vítimas de *bullying* pelos colegas da escola. Depois de tantos incidentes, foi tomada certa consciência da prática do *bullying* por ser uma agressão repetitiva, e mesmo que o tema tenha alcance crescente no Brasil e as escolas estejam preocupadas em realizar projetos que visem diminuir a violência escolar, principalmente a violência mais evidente, ainda há resquícios de negação sobre o *bullying*, principalmente por parte de professores, que acreditam que a prática é só uma brincadeira e que o próprio aluno pode evitar (BANDEIRA e HUTZ, 2012). Com certa banalização, ainda são poucas as notícias sobre projetos educacionais comprometidos de fato com o combate e a prevenção do fenômeno *bullying* dentro do ambiente escolar.

1.3 Consequências psicológicas do fenômeno *bullying*

Segundo especialistas, o comportamento agressivo de quem pratica o *bullying* tem causas variadas. Começa pela carência efetiva, a falta de imposição de limites e o reflexo da maneira como os pais demonstram sua superioridade e autoridade por meio de maus tratos físico e abusos psicológicos. De acordo com Yogi (2014, p. 24),

Observa-se que desequilíbrio emocional de uma família, a falta de afeto, de respeito, de diálogo e de espiritualidade levará o adolescente e pré-adolescente ao isolamento e alienação e, conseqüentemente, ao consumo de drogas, jogos de azar, manipulação sexual, comportamentos antiéticos e antissociais e toda eventualidade de ações. Tudo isso são fatores de risco para a sociedade. Enquanto o Estado não assumir a responsabilidade constitucional de instruir e a família de educar, quaisquer outras ações mais agressivas não auxiliarão no processo de preparar e aperfeiçoar o cidadão.

Pesquisas realizadas apontam que 80% daqueles que são conhecidos por serem “agressivos”, atribuem à culpa por seu comportamento a acontecimentos vivenciados no próprio lar ou na escola, mas, na maioria dos casos em casa. Aqui não se trata apenas de violência contra a criança em si, mas da violência dentro da família de modo geral. Segundo Fiorelli e Mangini (2009, p. 275),

A violência praticada entre os cônjuges transmite aos filhos uma aprendizagem geral sobre os métodos de exercê-la e desenvolve uma percepção de que tais comportamentos são válidos como forma de relacionamento interpessoal - afinal, não possuem outras referências. Por assimilação dos comportamentos dos modelos, serão por eles internalizados e praticarão, no futuro, a violência que aprenderam com os pais.

Acredita-se então que, crescer vivenciando atos de violência desde a infância, acaba influenciando fortemente o sujeito, pois sem sinais de afeto, aquilo vai ser tudo o que a criança vai conhecer. Isso acaba sendo perpetuado ao longo da sua vida. Na escola, uma criança que já possui carga emocional pesada e tem que lidar com outras, não consegue reprimir, com a necessidade de reproduzir os abusos sofridos.

Diante desse quadro, foi identificada uma doença psicossocial, ainda desconhecido por muitos, denominado por Cleo Fante, em seu livro *Fenômeno Bullying*, de SMAR-Síndrome dos maus-tratos repetitivos, capaz de desencadear vários sintomas, como: irritabilidade, agressividade, impulsividade, intolerância, explosões emocionais, raiva reprimida, depressão, estresse, doenças psicossomáticas, alterações de humor, baixa autoestima e pensamentos suicidas e homicidas. Alguns destes sintomas levam o portador a sentir necessidade de dominar e subjugar, através de coação. A baixa autoestima e a carência emocional trazem consigo o desejo de autoafirmação e de chamar atenção para si (LEMOS, 2007).

A reprodução desse comportamento agressivo é o que denominamos de *Bullying*, e para as vítimas típicas desse tipo de violência sofrida por pessoas portadoras da SMAR são igualmente ruins, senão mais graves e abrangentes, pois promove, no que tange à educação, déficit de aprendizagem, desinteresse na escola, queda de rendimento e até evasão escolar.

Na literatura, podemos observar que a vítima de *bullying* aponta a exclusão e ser alvo constante de piadas e comentários maldosos é um dos maiores motivos de sofrimento psíquico (RODRIGUES, 2023). Os resultados de constante exclusão, à logo prazo, são limitação de espaço que frequentam, problemas de socialização e baixa autoestima. (SANTOS & SANTOS, 2013).

A autoestima é um dos primeiros aspectos a serem afetados, por isso é um conceito que, hoje em dia, é considerado um grande indicador de saúde mental de crianças e adolescentes. Segundo Steinberg (1999), a autoestima está diretamente ligada ao rendimento escolar e aprovação social, e esta correlação está condicionada a todos os grupos culturais e étnicos.

Estresse, depressão, ansiedade, insônia também são doenças psíquicas que, geralmente, são encontradas em indivíduos que passam ou passaram por traumas como *bullying*, e que também tem forte influência na autoestima. Estudos realizados em uma universidade americana, revelam que o estresse causado pelo *bullying* pode alterar a química do cérebro (LEMOS, 2007).

Em uma entrevista cedida ao jornal Correio Brasiliense, o pesquisado Yoav Litvin, de uma revista especializada *Psychology and Behavior*, explica uma experiência realizada com camundongos, isso porque a área do cérebro estudada no experimento está presente em todos os mamíferos (o córtex). O experimento consistia em deixar um camundongo em uma gaiola, por dez minutos durante dez dias, com camundongos maiores e territorialistas, um camundongo diferente nos dez dias de teste.

Depois da “disputa”, o camundongo menor foi colocado em um ambiente com camundongos iguais, do mesmo tamanho. Notou-se que os animais que foram expostos ao trauma (*bullying*), apresentavam mudança de comportamento. Litvin descreveu que depois de passarem dias sentindo-se derrotados e subjugados por outros animais, os camundongos ficaram relutantes em se aproximar de outros animais de sua espécie (ALMEIDA, 2014).

Na mesma entrevista, o pesquisador diz acreditar que o mesmo pode acontecer com humanos, quando vivenciam agressões por uma grande quantidade de tempo, levando a um estado de estresse crônico. A médica psiquiatra especialista em *bullying*, Ana Beatriz Barbosa Silva (2009), corrobora a informação afirmando que qualquer estresse leva a mudanças de comportamento e promove a liberação de uma série de substâncias químicas. Como uma criança, vítima de *bullying*, normalmente não conta a ninguém o que está sofrendo, a amígdala cerebral fica mesmo hiperfuncionante e passa a sinalizar perigos que às vezes não existem.

Em relação à saúde é ainda pior, pois o sujeito é atingido não somente emocional e psicologicamente, mas fisicamente também. Mexer com nossas questões psicológicas pode causar um desequilíbrio biológico, causando diminuição do sistema imunológico, fortes dores de cabeça e abdominais, e doenças estomacais, como gastrite, por exemplo.

Dependendo da intensidade do sofrimento em consequência do bullying, a vítima poderá desenvolver reações intrapsíquicas, com sintomatologia de natureza psicossomática: enurese, taquicardia, sudorese, insônias, cefaleias, dor epigástrica, bloqueio dos pensamentos e do raciocínio, ansiedade, estresse e depressão, pensamentos de vingança e de suicídio, bem como reações extra psíquicas, expressas por agressividade, impulsividade, hiperatividade e abuso de substâncias químicas (FANTE, 2005, p.80).

É preciso um olhar de atenção para que mudanças de comportamento, com o passar do tempo, não passe despercebido, para que possíveis traumas não sejam companheiros do cotidiano das vítimas. E ainda de acordo com Fante (2005), existem muitos casos delicados em que algumas vítimas decidem por atos impensados, como optar pelo suicídio a terem que permanecer sendo humilhados constantemente por seus agressores. Assim, notamos quão

grave o *bullying* é, seja de forma direta ou indireta, com consequências alarmante para suas vítimas afetando diretamente seu desempenho escolar e vida de forma geral.

2. INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

Ao longo da vida escolar, o aluno é preparado para alcançar as melhores notas, melhores cursos universitários, melhores posições no mercado de trabalho, mas o que pouco se fala ou se trabalha em sala de aula é sobre uma das ferramentas mais importantes no que se refere à aprendizagem, que seria as emoções. Um psicólogo chamado Daniel Goleman populariza uma teoria que busca mergulhar na inteligência emocional e como isto pode otimizar resultados na educação, opondo-se a ideia de que somente aspectos cognitivos sejam importantes no sucesso dos alunos.

Para Carvalho (2020), para entender o que é inteligência emocional, é preciso refletir antes sobre o que se entende do que é emoção. Atualmente, nota-se nas mídias sociais um grande aumento da discussão sobre o termo e essa repercussão acontece, principalmente, por conta da dificuldade em compreender as doenças de ocorrem por conta de aspectos emocionais, isto é, transtorno de ansiedade, depressão, pânico entre outras. E, afinal, o que seria emoção? De acordo com a etimologia, a palavra vem do latim *exmovere*, que significa “mover para fora ou afastar-se”. Segundo Casanova; Sequeira e Silva (2009, p.10):

As emoções salvam-nos: as emoções fundamentais desencadeiam-se em situações que representam para nós um desafio vital em termos de sobrevivência ou de estatuto. Por exemplo, o medo ajuda-nos a fugir do perigo, a raiva a triunfar sobre os rivais, o desejo leva-nos a encontrar um parceiro para nos reproduzirmos. As emoções foram, portanto, favoráveis à sobrevivência a e à reprodução de todos os antepassados da nossa espécie, o que explica a sua transmissão até nós.

Em outras palavras, as emoções foram fundamentais na sobrevivência e reprodução dos nossos antepassados e é, ainda hoje, uma arma de proteção para a sobrevivência. Para Goleman (1995), emoções são impulsos que adquirimos na evolução humana, como processos, para enfrentar a vida. No livro intitulado “Inteligência emocional”, Goleman diz: “Todas as emoções são, em essência, impulsos, legado pela evolução, para uma ação imediata, para planejamentos instantâneos que visam lidar com a vida” (GOLEMAN, 1995, p.34).

Observa-se que ao longo da história, as emoções são abordadas de diferentes perspectivas de diferentes áreas de estudo: da neuropsicologia, da biologia, da psicopedagogia, na cultura etc., isso porque o desenvolvimento da inteligência emocional proporciona uma série de possibilidades que permitem o controle e um convívio mais singelo com seus próprios sentimentos e emoções, e com os dos outros.

No livro *Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente* de Daniel Goleman (2012), o autor aponta que em 1995 já havia esboçado evidências preliminares que sugeriram que a inteligência emocional seria um ingrediente ativo em programas de desenvolvimento que aperfeiçoam a aprendizagem da criança evitando problemas com a violência. Desse modo, “ajudar as crianças a aperfeiçoar a sua autoconsciência e confiança, controlar suas emoções e impulsos perturbadores e aumentar empatia resulta não só em um melhor comportamento, mas também em uma melhoria considerável no desempenho acadêmico” (p.11).

Henri Wallon, psicólogo francês, é conhecido por sua teoria da Psicologia da Pessoa Completa (GALVÃO, 1996), pois, aspira a produção de conhecimento voltado para um saber psicológico que leve em consideração a totalidade do ser humano, isto é, mostrar a evolução da personalidade, abordando elementos básicos que deveriam estar associados o tempo todo: a inteligência, a efetividade, o movimento e a formação do eu. Nisso se concentra, para Wallon, o desenvolvimento da criança. Suas ideias podem ser aplicadas ao *bullying* de várias maneiras.

Wallon (1986) argumenta que a consciência que uma criança tem de si mesma surge, a princípio, por meio das emoções. Ao se consolidarem as respostas emocionais e se fortalecer um quadro perto de fixar as reações emotivas, ao final do primeiro ano de vida, com o auxílio da maturidade fisiológica e da interpretação desses sinais por parte do ambiente humano, a criança passa a tomar consciência de si como sujeito das suas reações. Sendo assim, acredita-se que o desenvolvimento da personalidade da criança é influenciado pela interação entre sua natureza biológica e seu ambiente social. Isso significa que as crianças que são expostas a ambientes hostis ou violentos podem desenvolver personalidades mais agressivas e propensas a se envolver em comportamentos de *bullying* (CARVALHO, 2021).

De acordo com Wallon (1986, p. 146) o desenvolvimento da personalidade passa por estágios, cada um com suas próprias características e desafios. Alguns, como os estágios personalistas (3 a 6 anos), estágio categorial (6 a 11 anos) e de puberdade e adolescência (11 anos em diante), podem ser mais propensos ao *bullying* do que outros, pois, nesses estágios

começa a destacar intenções conscientes. Por exemplo, durante o processo da autoafirmação, as crianças podem se sentir mais inclinadas a afirmar sua própria importância em relação aos outros, o que pode levar a comportamentos de *bullying*.

Por fim, sabendo que parte do desenvolvimento da personalidade é influenciada pelo meio em que está inserida, é importante oferecer às crianças um ambiente acolhedor, seguro e saudável, que promovam um desenvolvimento positivo. Aplicando essas ideias, é possível desenvolver estratégias para prevenir e lidar com o *bullying*, como fornecer ambientes de apoio e educação, fortalecer as habilidades socioemocionais das crianças, e trabalhar com as crianças para desenvolver a autoestima e a capacidade de lidar com conflitos.

Diante disso, não deve ser deixado de lado a responsabilidade da família, pois, o trabalho com uma criança para o desenvolvimento da inteligência emocional começa no âmbito familiar, lugar em que deveria ser trabalhado desde cedo, de forma subjetiva, a autonomia e a autoestima, através de relatos verbais e comportamentos que podem ser observados pelas crianças.

Para Rosenberg (1995), a autoestima é um conjunto de pensamentos que a pessoa tem em relação ao próprio valor, confiança e capacidade de enfrentar os desafios e esses pensamentos podem gerar atitudes positivas e/ou negativas em relação a si e aos outros. Experiências como amor, sucesso, afeição estão diretamente ligadas à influência da baixa ou alta autoestima. Rosenberge (1995) argumenta que as pessoas com baixa autoestima são mais propensas a terem comportamentos delinquentes como forma de se rebelar contra a sociedade que desdenha deles, e também como forma de tentar obter alguma atenção.

No ambiente educacional, essa capacitação de lidar com aspectos emocionais tem o objetivo de fazer com que o estudante aprenda a lidar com as situações que enfrenta do dia a dia, sendo na vida social, na escola, meio familiar, de maneira eficaz e, sobretudo, ética. Outro ponto importante do estudo de Wallon sobre o desenvolvimento é que a educação deve ser adaptada às necessidades do indivíduo, levando em consideração seu desenvolvimento psicológico. Wallon acreditava que cada criança tem necessidades únicas, e que a educação deve ser adaptada para atender a essas necessidades.

No Brasil, BNCC estabelece competências socioemocionais que devem ser desenvolvidas desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, com o objetivo de promover uma ação integral e preparar os alunos para a vida em sociedade. Em 2020, nossas escolas deveriam contemplar essas habilidades em seus currículos. Esse modelo tem o intuito de desenvolver o processo de manejo emocional, entendimento, desenvolver empatia, respeito e tomada de decisões responsáveis. É necessário que haja essa promoção da educação

emocional para crianças, de forma integral, dentro e fora do ambiente escolar, para que seja possível o desenvolvimento destas cinco habilidades:

- **Autoconsciência:** é a pedra angular da inteligência emocional. Envolve conhecimento de si mesmo, tal como suas limitações, mantendo uma atitude positiva e otimista voltada para seu crescimento;
- **Autogestão:** refere-se a como nós controlamos nossos comportamentos diante do estresse e ajuda a controlar impulsos;
- **Consciência social:** na luta contra o *Bullying*, este ponto seria um fator fundamental, pois envolve exercício de empatia, colocar-se no “lugar do outro”, respeitar a diversidade. Essa habilidade é sobre perceber a sociedade ao seu redor;
- **Habilidade de relacionamento:** Relacionam-se com as habilidades de ouvir com empatia, falar clara e objetivamente, cooperar com os demais, resistir à pressão social inadequada (ao *bullying*, por exemplo), solucionar conflitos de modo construtivo e respeitoso, bem como auxiliar o outro quando for o caso;
- **Tomada de decisão responsável:** sugere as escolhas pessoais e as interações de acordo com as normas, os cuidados com a segurança e os padrões éticos de uma sociedade.

Nesse contexto, apresenta-se no presente trabalho, estratégias para trabalhar a Inteligência Emocional das crianças com base na BNCC.

a) Rodas de Conversa

A BNCC sugere que as escolas promovam espaços de diálogo e reflexão para o desenvolvimento das competências socioemocionais. As rodas de conversa são uma excelente estratégia para isso, pois, permitem que as crianças compartilhem suas experiências, dúvidas e sentimentos em um ambiente seguro e acolhedor. O professor pode propor temas, como: empatia, gratidão, autoestima e o respeito às diferenças, e conduzir a discussão de forma a estimular a reflexão e o diálogo (BNCC, 2020).

b) Jogos e brincadeiras

Os jogos e as brincadeiras são estratégias pedagógicas que podem ser utilizadas para trabalhar as emoções de forma lúcida e divertida. Jogos como o “Eu sinto, tu sentes, ele sente”, que estimula a identificação e a expressão das emoções, ou o “quebra cabeça das emoções”, que associa cada emoção a uma expressão facial, são exemplos de atividades que

podem ser aplicadas na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental (BNCC, 2020).

c) Histórias e contos

As histórias e os contos são meios valiosos para trabalhar a inteligência emocional das crianças, pois permitem que elas se identifiquem com personagens que enfrentam desafios e emoções semelhantes aos seus. O professor pode selecionar histórias que aborde temas como: medo, tristeza, raiva e alegria, e conduzir a discussão sobre como os personagens lidam com as emoções e o que as crianças podem fazer com essas experiências (BNCC, 2020).

d) Prática de mindfulness

A BNCC destaca a importância da prática para o desenvolvimento das competências socioeconômicas, pois, ajuda a aumentar a consciência sobre as próprias emoções e a cultivar a atenção plena no momento presente. O professor pode conduzir práticas simples de mindfulness, como a respiração consciente e a observação dos sentidos, estimular as crianças a praticarem em casa também (BNCC, 2020).

e) Projeto de serviço comunitário

A BNCC também enfatiza a importância da formação cidadã, que inclui o desenvolvimento de habilidades socioemocionais como empatia, solidariedade e a responsabilidade social. Os projetos de serviço comunitário são uma forma de colocar essas habilidades em prática, pois permitem que as crianças se envolvam em ações solidárias e façam a diferença na comunidade. O professor pode propor projetos de arrecadação de alimentos, brinquedos, roupas para doações (BNCC, 2020).

Daniel Goleman (2005), adotou um programa chamado *Social and Emotional Learning (SEL)*, voltado para desenvolvimento emocional e social. Em seu livro ele explica quais emoções e comportamento é esperado para cada fase do desenvolvimento. Para Goleman, (2005, p.12)

Nos primeiros anos do ensino fundamental, os alunos devem aprender a reconhecer e classificar com precisão seus sentimentos e como eles os levam a agir. Nas séries do segundo ciclo fundamental, as atividades de empatia devem tornar a criança capaz de identificar as pistas não-verbais de como outra pessoa se sente; nos últimos ciclos do fundamental, elas devem ser capazes de analisar o que gera estresse nelas ou o que as motiva a ter

desempenhos melhores. E no ensino médio, as habilidades SEL incluem ouvir e falar de modo a solucionar conflitos em vez de agravá-los e negociar saídas em que todos ganhem.

Em seguida, apresenta dados de uma pesquisa que mostra avanços significativos no desenvolvimento e no ambiente escolar depois da execução do programa SEL. Segundo Goleman (2005, p.13)

Nas escolas que adotamos os programas, mais de 50% das crianças tiveram progresso nas suas pontuações de desempenho e mais de 38% melhoraram suas médias. Os programas SEL também tornaram as escolas mais seguras: ocorrências de mau comportamento caíram em média 28%; as suspensões, 44%; e outros atos disciplinares, 27%. Ao mesmo tempo, a porcentagem de presença aumentou, enquanto 63% dos alunos demonstram um comportamento significativamente positivo.

Assim, é possível visualizar que o método de conduzir os alunos a trabalharem o autocontrole, autoconsciência, respeito e empatia proporciona relacionamentos interno e externo adequados e ainda formam crianças e adolescentes com boa autoestima, mostrando capacidade de controlar suas emoções e usá-las a favor de um melhor desempenho dentro e fora da escola. Além disso, a escola se torna um ambiente mais seguro, agradável e o ato de ensinar e aprender se torna mais fácil e prazeroso, diminuindo o autoritarismo, a intolerância, reduzindo assim o número de evasão escolar.

3. METODOLOGIA

3.1 Tipo de pesquisa

O presente trabalho fez uso de uma abordagem qualitativa, uma vez que, este “aprofunda-se no mundo dos significados, das ações e relações humanas, um lado não perceptível e captável em equações, médias e estatísticas” (MINAYO, 1995, p.22), realizada por meio de uma pesquisa de campo. Participaram da pesquisa nove professoras, atuantes no período da tarde nas instituições selecionadas. Foram consideradas aptas a participar da pesquisa as educadoras que se encontravam lecionando nas escolas e aceitaram participar da entrevista.

A coleta de dados aconteceu em duas escolas estaduais do município de Parintins-AM, ambas as escolas de Ensino Fundamental dos anos iniciais. O desenvolvimento deste estudo contou com a autorização das instituições, que foram escolhidas por critério de

acessibilidade. As entrevistas foram realizadas nos meses de outubro e novembro de 2022, no turno vespertino.

3.2 A entrevista

Foi utilizada como instrumento de coleta de dados uma entrevista semiestruturada, composta por nove perguntas divididas em quatro categorias: a primeira foi sobre o cotidiano na escola, como o corpo técnico se relaciona; a segunda, sobre a concepção de *bullying*, “o que é o *bullying*, na sua opinião? ”, “Como você percebe a relação entre os aluno?”, “nas salas em que atua costuma ou costumava haver casos de *bullying*?”; a terceira, sobre as possíveis causas da violência?”, “como costuma lidar frente a casos de agressões entre alunos?”, “quais sentimentos sente ao se deparar com um aluno intimidando outro?”, “qual a responsabilidade da escola?”; quarta, inteligência emocional, “Costuma trabalhar os aspectos emocionais das crianças? Como?”, “você vê a inteligência emocional como um pilar importante no combate aos casos de *bullying*?”

Segundo Costa et al. (2004), este modelo de entrevista consiste em perguntas previamente estabelecidas que servem de guia para orientar o pesquisador no decorrer da entrevista, a fim de confirmar que todos os participantes respondam as mesmas questões.

As entrevistas foram realizadas de acordo com os horários disponibilizados pelas escolas e com a autorização das professoras, as respostas foram gravadas, a fim de contribuir para a análise dos dados, garantindo a fidelidade e integridade das respostas. As questões foram respondidas com liberdade em quaisquer aspectos que julgassem importantes, desse modo foram acrescentados exemplos e outras dificuldades observadas por elas no dia a dia da escola.

Os dados obtidos foram refletidos de acordo com a análise de seu conteúdo. A transcrição foi realizada, com recortes para as falas mais relevantes para a pesquisa, visando fornecer uma visão condensada e simplificada dos dados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 A percepção dos professores sobre o *bullying*

Os primeiros questionamentos foram feitos com intuito de conhecer um pouco do cotidiano na escola, como os professores se relacionam, vivem e sentem o ambiente a sua volta como um espaço de construção social. Sobre esse tópico, houve uma fala em específico de uma das entrevistadas importante destacar, que foi apresentado no presente trabalho como E2:

[...] não sei ao certo como responder essa pergunta, porque trabalho aqui há um ano. Mas deixa eu te falar, eu me sinto sozinha. A escola é boa, e na maior parte do tempo as coisas são calmas, mas ainda me sinto sozinha.

Além dessa fala, outras professoras entrevistadas demonstraram sentimentos de solidão dentro da escola que se assemelham. É notável a angústia da professora diante da falta de convívio e, talvez até compreensão por parte do grupo dentro da instituição. No restante dos questionamentos fica evidente o desconhecimento do assunto por parte de algumas das educadoras, embora estas percebam diferentes perfis em seus alunos e consigam detectar comportamentos agressivos. Observa-se ainda modos de atuação limitados e sentimentos diversos emergidos diante do fenômeno.

4.2 Reconhecendo o *Bullying* e sua prática em sala de aula

Através das falas analisadas foi possível constatar, não só a possibilidade de existência do *bullying* nas escolas, como também visualizar a percepção das professoras entrevistadas sobre a agressão, frisando que as mais perceptíveis são dos tipos verbal e, ocasionalmente, físicos. Observa-se aqui a dificuldade e contradições ao relatarem o que entendem por *Bullying*, mas, há uma facilidade em perceber os diferentes perfis entre os alunos, mesmo demonstrando pouco preparo para a detecção dos considerados autores e/ou alvos no fenômeno *bullying*. No quadro abaixo, seguem algumas falas que ilustram esta categoria:

Quadro 1 – Falas de professores a respeito do *bullying* em sala de aula

Entrevistada	Fala
E1	“O que eu acho de bullying? Que não é real. Quer dizer, é. Mas é só como resolveram chamar quem apelidas os outros”
E2	“No geral, meus alunos são ‘bonzinhos’, mas tem um que, não sei... ele ofendendo o colega, chamando de gay”
E3	“Na sala eu fico de olho, não deixo acontecer, mas vez ou outra alguém chega reclamando que recebeu um apelido desagradável do outro colega”
E5	“Acho que toda sala tem um desses, que é muito fraquinho para se defender e sofre com os outros. Tem que estar atento porque às vezes parece que estão brincando”

Fonte: Pesquisa de campo, 2022.

4.3 Compreensão das possíveis causas do *bullying*

Alguns autores como Fante (2005), Neto (2008) e Pereira (2009), indicam que o *Bullying* é caracterizado, principalmente, pela não identificação de suas causas, ou seja, não se sabe exatamente os motivos exatos que leva alguém a praticá-lo. Dito isto, observa-se as razões que as professoras acreditam que justifiquem os comportamentos agressivos, não considerando que talvez não exista nenhum conflito externo.

Ao perceberem agressões sem razões aparentes, destacam como causa a falta de educação familiar, desinteresse pelo estudo e problemas de personalidade. Naturalizam o problema, corroborando assim com as falas de Oliboni (2008). Algumas destas causas são ilustradas pelas falas a seguir:

Quadro 2 – Falas de professores sobre a motivação dos atos agressivos de alunos

Entrevistada	Fala
E2	“Talvez seja só como é criado. Acho que deve escutar essas coisas em casa.”
E1	“Acho que é reflexo de muita liberdade. Tem criança que cresce na rua, com todo tipo de influência. (...) eu não deixo meus filhos estarem nas ruas, é perigoso.”
E9	“Eu já tive que lidar com um caso assim. Eu chamo os envolvidos separadamente e converso com eles sobre como essa atitude é errada, sobre respeito com os colegas.”
E5	“Acho sim que, assim como a família a escola também é responsável por educar em relação a isso. Eu estou aqui há dois anos e nunca vi nada (projeto de intervenção), não sei como funciona.”
E3	“É papel da família educar, eu só estou aqui para ensinar. A família precisa ajudar. Eu faço o que posso.”

E4	“Eu me sinto triste quando vejo uma criança sendo agressiva com outra. Me coloco no lugar, como mão. Mas sempre converso com minha turma sobre como isso pode machucar os outros”
E7	“Fica difícil saber. Um sempre culpa o outro.”

Fonte: Pesquisa de campo, 2022

4.4 O aspecto emocional das crianças

No fim da entrevista foi questionado sobre o aspecto emocional das crianças, se é considerado importante o suficiente para ser trabalhado, como isso aconteceria. Todos os discursos foram bem similares, mostrando como ainda é um campo desconhecido pela forma como se lida com o desenvolvimento da inteligência emocional da criança, como se ainda não fosse importante como é a inteligência cognitiva. A seguir, duas falas apenas foram destacadas, pois, todas as professoras, basicamente, seguem a mesma linha de pensamento:

Quadro 3 – Falas de professores do aspecto emocional das crianças em sala de aula

Entrevistada	Fala
E1	“Eu costumo trabalhar isso com eles em forma de teatro. Geralmente peças que falam de emoções, alegria, amor, tristeza, respeito.”
E5	“Nunca vi na escola nada sobre isso, projeto, essas coisas. Mas eu tento trabalhar com meus alunos, principalmente sobre o que não fazer com o outro. Respeito.”

Fonte: Pesquisa de campo, 2022

Ao serem questionadas se acham que a inteligência emocional é um pilar importante para o combate ao *bullying*, todas acenaram que sim, porém mostraram descontentamento com as famílias dos alunos, pois segundo elas, alguns não participam, não compartilham nem colaboram:

Quadro 4 – Falas de professores sobre inteligência emocional no combate ao *bullying*

Entrevistada	Fala
E1	“Acredito que não seja tão possível desenvolver, ensinar sem a colaboração dos pais. Todos deveriam participar pelas crianças. “
E5	“Ajuda. Trabalho muito com diálogo sobre empatia e outros sentimentos bons. Isso parece ter um efeito bom.”
E8	“Acredito que sim, mas é preciso investimento, principalmente de tempo e da participação de toda comunidade escolar.”
E6	“Acho que vale à pena tentar, deve ser bem mais fácil que lidar com as consequências”

Fonte: Pesquisa de campo, 2022

Ao longo das discussões sobre o *bullying*, quatro pontos ficaram em evidência nas falas das professoras entrevistadas:

O primeiro ponto é sobre as falas das entrevistadas a respeito da família. Da perspectiva dos servidores, majoritariamente, o comportamento dos alunos envolvidos em casos de agressão dentro de sala de aula é atribuído à negligência familiar. Muitas vezes os pais não se atentam para a importância de conversar com as crianças sobre seus sentimentos, ou não oferecem o apoio necessário quando elas precisam. Segundo Wallon (1975) é a partir das relações que estabelece com a sua família a criança passa gradativamente a se colocar a questão do eu em relação aos outros e construir a consciência de conjunto, no qual cada pessoa tem seu lugar e papel. É na vivência familiar que aprende a se colocar em relação aos outros irmãos, aos pais, construindo assim a consciência de estrutura.

A escola, depois da família, é um grande grupo de referência para as crianças em termos de desenvolvimento social e psíquico, visto que, é um ambiente diversificado e proporciona oportunidades de convivências para ela, porém, o segundo ponto destacado na pesquisa *in loco* é o preconceito às diversidades dentro das escolas, uma realidade bem presente em sala de aula. Muitas vezes, os alunos são discriminados por sua raça, gênero, orientação sexual, religião, entre outras características que os diferenciam. Segundo as professoras, alguns alunos costumam discriminar e colocar apelidos pejorativos em colegas, principalmente de cunho homofóbicos.

Então, temos o último tópico destacado: a falta de formação dos professores sobre temas como *bullying* e inteligência emocional, que inclusive é uma preocupação crescente entre as entrevistadas. As falas das docentes entrevistadas evidenciam que, muitas vezes, não são capazes de lidar com as emoções dos alunos ou identificar e prevenir situações de *bullying*, isso pode levar a uma falta de empatia e compreensão, bem como a uma ineficácia

na resolução de conflitos em sala de aula e a subestimação do impacto das pequenas violências na saúde emocional dos alunos.

Podemos observar que é preciso que pais, professores, funcionários de escolas e a sociedade em geral trabalhem juntos para prevenir e combater essa prática. É fundamental que as vítimas sejam encorajadas a denunciar o *bullying* e que sejam tomadas medidas efetivas para lidar com os casos reportados. Além disso, é importante ressaltar que o *bullying* pode ter graves consequências tanto para as vítimas quanto para os agressores, que é preciso oferecer apoio e suporte a ambos para que possam superar os efeitos danosos dessa prática.

No mais, é crucial que a discussão sobre o *bullying* seja constante e que sejam tomadas medidas efetivas para prevenir essa prática, garantindo assim um ambiente mais seguro e saudável para todos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo trazer uma reflexão acerca da violência no ambiente escolar, prática conhecida como *Bullying* atualmente, e evidenciar a urgência nos trabalhos de intervenção. Para tanto, focamos no aspecto emocional das crianças, que é a área da Inteligência Emocional.

No primeiro momento, trazemos uma pesquisa bibliográfica com conceitos de *bullying*, uma forma de violência repetitiva que um ou mais alunos praticam contra colegas, geralmente por sentirem que são ou que estão em posição superior ao outro. Mostramos quais são as diversas consequências dessas atitudes na vida dos envolvidos, doenças físicas, mentais, emocionais, e ainda os dados violências em escolas que podem estar relacionados a esse fenômeno que é um problema mundial.

Em seguida, mostramos como muitas vezes somos negligentes com as crianças em relação às suas emoções. Geralmente, dentro da família e da escola a criança é cobrada para ter êxito na vida acadêmica e profissional, há cobranças, pressão e psicologicamente a pessoa acaba adoecendo. Em outros casos, a criança vive em um lar hostil, com brigas, ausências, falta de afeto, e isso acaba sendo uma grande influência na construção da sua personalidade, autoestima, forma como vê o mundo.

Nesta pesquisa, procuramos fazer uma ligação entre a teoria e a prática da construção e desenvolvimento da Inteligência Emocional para tentar diminuir casos de violência na escola. Teoricamente, tentamos mostrar que a Inteligência Emocional pode ser vista de

forma sintética como uma habilidade ou uma aptidão para processar qualquer informação de natureza emocional; por outro lado, pode ter uma perspectiva mais abundante, como habilidades cognitivas, personalidade e qualquer processo emocional.

Para tanto, foram citados dois psicólogos que abordaram a importância da construção da inteligência emocional e afetiva. Daniel Goleman argumenta que a Inteligência emocional é tão importante quanto o cognitivo, isso otimiza a qualidade da educação. Já Henry Wallon, fala da importância da construção da pessoa completa, considerando lado afetivo, emocional, cognitivo, biológico e que a pessoa é reflexo do meio em que está inserido.

Na prática, o trabalho de desenvolver nos alunos sentimentos como empatia, respeito, solidariedade através do diálogo ou qualquer outro método usado para trabalhar com as crianças poderá proporcionar um ambiente acolhedor, seguro, de paz. No entanto, na pesquisa realizada in loco, concluímos que para ter a inteligência emocional com aliada para combater casos de *Bullying* nas escolas, o assunto “*Bullying*” deve estar bem situado entre os professores, pois muitos desses profissionais não sabem realmente o significado dessa palavra ou mesmo o peso real das consequências da prática na vida dos alunos.

A primeira estratégia que a escola deve adotar para prática de prevenção e intervenção é propor para esses profissionais capacitação. E por fim, concluímos dizendo que a escola tem a chave e todas as ferramentas, juntamente com a família, para combater comportamentos agressivos, para livrar crianças de doenças psicológicas. Não podemos deixar passar casos de *bullying* despercebidos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria de Fatima Dantas de. **BULLYNG: uma ameaça para a escola**. Campina Grande – PB, 2014. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/5954/1/PDF%20-%20Maria%20de%20F%C3%A1tima%20Dantas%20de%20Almeida.pdf> Acesso em: 13 mar. 2023.
- BASTOS, Alice Beatriz Barreto Iziq; DÉR, Leila Christina Simões. Estágio do Personalismo. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho. (Orgs.). **Henri Wallon: psicologia e educação**. São Paulo: Loyola, 2010.
- BERGER, Kathleen Stassen. **Update on bullying at school: Science forgotten?** Developmental Review, 27, 2007.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular – **Educação é a base**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/195-competencias-socioemocionais-como-fator-de-protacao-a-saude-mental-e-ao-bullying> Acesso em: 13 mar. 2023.
- BRASIL. Lei n 13.185, de 6 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). **Diário Oficial da União: Brasília, DF, Seção 1, p. 1, 9 nov. 2015**. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113185.htm>. Acesso em: 13 mar. 2023.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa**. 5 de outubro de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm. Acesso em: 14 jan. 2023.
- BULLYING no cérebro. superaparaescolas.com.br, 2015. Disponível em: < <https://superaparaescolas.com.br/o-bullying-no-cerebro/>>. Acesso em: 15 out. 2022.
- CARVALHO, Angélica Maria Silva. **O bullying na infância e seus efeitos na vida adulta**. Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/14051/1/TCC%20FINAL%2003.pdf> Acesso em: 12 abr. de 2023.
- CONSTANTINI, Alessandro. **Bullying: como combatê-lo? prevenir e enfrentar a violência entre jovens**. São Paulo: Itália Nova, 2004.
- CROCHIK, José Leon. **Preconceito, indivíduo e sociedade**. Temas em Psicologia, São Paulo, 1996.
- DESENVOLVENDO emocional para crianças: como acontece? Institutoreacao.org.br, 2022. Disponível em: < <https://institutoreacao.org.br/desenvolvimento-emocional-da-crianca-como-acontece/>>. Acesso em: 10 out. 2022.
- FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

FIGLIOLI, José Osir; MANGINI, Rosana Cathya Tagazzoni. **Psicologia Jurídica**. São Paulo: Atlas, 2009. p. 275.

GALVÃO, Izabel. **Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1996.

GOLEMAN, Daniel. (1995). **Emotional Intelligence**. New York: Bantam Books.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. 2a ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

WALLON, Henry. **As origens do caráter**. São Paulo: Nova Alexandria, 1934/1995

LEMONS, Anna Caroline Mendonça. Uma visão psicológica do bullying escolar. **Rev. Psicopedagogia**, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v24n73/v24n73a09.pdf> Acesso em: 12 abr. de 2023.

NETO, Aramis A. Lopes. **Bullying comportamento agressivo entre estudantes**. *Jornal de Pediatria - Vol. 81, Nº5(Supl)*, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/gvDCjhggGZCjttLZBZYtVq/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 12 abr. de 2023.

OLIBONI, Samara Pereira. **O bullying como violência velada: a percepção e a ação dos professores**. Rio Grande: FURG, 2008.

OLWEUS, Daniel. **Bullying at school: What we know and what we can do**. Malden, Mass.: Ackell Publishers Ltd., 1993.

OXFORD. **Dicionário escolar para estudantes brasileiros de inglês**. Oxford University Press, 1999. PEREIRA, S. M. S. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar**. São Paulo: Paulus, 2009.

RODRIGUES, Léo. **Crescem casos de violência em escolas: especialistas dizem o que fazer**. Agência Brasil, 2023. Disponível em: < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-04/crescem-casos-de-ataques-em-escolas-especialistas-dizem-o-que-fazer> . Acesso em: 12 abr. 2023.

ROLIM, Marcos. **Bullying: o pesadelo da escola, um estudo de caso e notas sobre o que fazer** *Dissertação de Mestrado*., Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Instituto de Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SENA, Soraia Pinto. **As Representações sociais de famílias de adolescentes envolvidos em BULLYING: características e percepções do fenômeno**. Belo Horizonte - MINAS GERAIS 2013. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-9DKGEK/1/sena_2013.pdf Acesso em: 12 abr. de 2023.

SILVA, Ludmilla Oliveira e BORGES, Bento Souza. **Bullying nas escolas**. 2018. *Direito & Realidade*, v.6, n.5, p.27-40/2018.

SOUZA, Renata Pereira Rocha Garcia de. **Fenômeno bullying no ambiente escolar**. Belo Horizonte 2015. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-AEDL88/1/renata_pereira_rocha_garcia_de_souza.pdf. Acesso em: 12 abr. de 2023.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: Mentis Perigosas nas Escolas**. São Paulo, Principium, 2010.

TAQUETTE, Stella R. **Doenças psicossomáticas na adolescência**. *Adolescência e Saúde*, v. 3, n. 1, p. 22-26, 2006.

VINHA, Telma Pileggi. **O educador e a moralidade infantil numa perspectiva construtivista**. *Revista do Cogeime* n° 14 julho/99. Disponível em: <https://pedagogiapaaraconcurseiros.com.br/wp-content/uploads/2020/10/O-Educador-e-a-Moralidade-Infantil-numa-Perspectiva-Construtivista-Telma-Vinha.pdf> Acesso em: 12 abr. de 2023.

YOGI, Shri Swami Vyaghra. **Ampliação da consciência no processo psicanalítico de melhora das conexões sinápticas**. Vidya Press. Curitiba, 2014.